



Padre das Sete Cidades e Ginetes

Filho de terceirenses, nasceu no Brasil, foi pároco na Terceira mas é em São Miguel que se sente em casa

pág. 2

Operadores estimulados pelo Governo Regional para criarem pacotes turísticos para nacionais

pág. 3

IKEA Portugal instala em São Miguel ponto de recolha de encomendas

A IKEA Portugal já tem um ponto de recolha na Logislink, em Ponta Delgada.

pág. 3

## Marinheiros sentem que fizeram a diferença na ajuda aos açorianos atingidos pelo furacão Lorenzo

NRP Setúbal prepara-se para regressar a Lisboa na Segunda-feira

O navio chegou pela primeira vez ao porto de Ponta Delgada em Setembro de 2019, sendo logo chamado a intervir para auxiliar o Grupo Ocidental aquando da passagem do furacão Lorenzo. Na sua segunda comissão, o comandante Zambujo-Madeira destaca o salvamento de um cidadão indiano que durante 30 horas sobreviveu em alto mar.



págs. 4 e 5

Gilberto Vieira, dono da Quinta do Martelo “Não tenhamos ilusões, a pandemia foi um rude golpe para o turismo em espaço rural”



págs. 8 e 9

Em contactos na ilha de São Jorge Boleiro defende uma política de transportes que ajude quem produz



Última

NB Poupança e Investimento

Pratique poupança com regularidade.

Saiba aqui como alcançar os seus objetivos.



NOVO BANCO DOS AÇORES

## Plano de reestruturação da SATA será apresentado aos deputados “logo que esteja formalmente concluído”, assegura a Secretária Ana Cunha

A Secretária Regional dos Transportes a adiantou que o plano “está ainda em documento de trabalho, na medida em que tem que ser discutido com as tutelas operacional e

financeira e terá que ser certificado por consultores”. Mais, adiantou Ana Cunha aos deputados, que o envelope financeiro necessário, e solicitado pela SATA, reveste a forma de um

auxílio de emergência, porque constitui um auxílio de Estado, tratando-se de “um financiamento que a SATA contrairá e que será avalizado pela Região”.

última

SALDOS

60%

ATÉ

DE 25 DE JUNHO  
A 19 DE AGOSTO 2020

MO

ANGRA DO HEROÍSMO | ARRIFES | CAPELAS | HORTA  
LAGOA | PONTA DELGADA | PRAIA DA VITÓRIA | RIBEIRA GRANDE

CYMBRON  
Máquinas e Ferramentas

MOTAS

GRANDES MARCAS  
PEQUENOS PREÇOS

Açores Park, Stand 3.12  
Tel: 299 200 19 20  
@: comercial@acymbtron.pt

Rua António Dias  
Cantanhoto Monteiro  
Entrada Regional da R. Grande  
Estado S. Miguel  
Via Rápida R. Grande / Lagoa

CRÉDITO HABITAÇÃO

ABRIMOS A PORTA À SUA CASA NOVA.

SOMOS A CAIXA DOS AÇORES  
Informe-se em [www.cemah.pt](http://www.cemah.pt)

LOVE

CERAMIC TILES

Pavimentos e revestimentos cerâmicos para ambientes elegantes e exclusivos!

Costa Pereira e Filhos, Lda

materiais de construção

Tel. 296 960 200  
Fax: 296 960 209  
Av. Infante D. Henrique, n.º 52  
9560-022 Lagoa - S.Miguel  
[www.facebook.com/costapereira3](https://www.facebook.com/costapereira3)

Gilberto Vieira, proprietário da Quinta do Martelo e Presidente da Associação Casas Açorianas

## “Não tenhamos ilusões, a pandemia foi um rude golpe para muitos dos nossos associados com casas de turismo em espaço rural”

Nascido de um sonho e de uma paixão de há trinta e um anos, quando ainda exercia a profissão de agente de viagens, Gilberto Manuel Ramos Vieira, 60 anos de idade, é o proprietário da Quinta do Martelo, uma das mais conceituadas, mais antigas e conhecidas estruturas de alojamento rural dos Açores. Gilberto Vieira que é também Presidente da Associação Casas Açorianas, falou com o Correio dos Açores e deu a conhecer as suas preocupações, as suas perspectivas futuras e algumas das sugestões sobre o caminho a seguir para a Quinta do Martelo e para o sector do alojamento na Região.

**Correio dos Açores: Quantas camas e quartos tem a Quinta do Martelo e qual o seu conceito?**

**Gilberto Vieira:** Vinte camas, distribuídas por várias casas que estão integradas com uma pequena aldeia, são cada uma por si, todas diferentes, exemplos do que melhor se encontrou em mobiliário e decoração feitos nesta ilha nos últimos quatro séculos, abrangendo tipologias desde o povoamento até ao século passado, onde é oferecida a verdadeira ambiência de uma casa rural açoriana. Nestas casas, pretende-se repor com rigor um ambiente autêntico, a começar pela construção e mobiliário do mais genuíno e da maior qualidade, fruto de um trabalho de pesquisa e levantamento dos saberes tradicionais de arquitectura, decoração e restantes equipamentos desde os primórdios, sem descurar os mais modernos requintes de conforto, postos à disposição do utilizador.

Trata-se efectivamente de um Centro Interpretativo onde é possível observar e experimentar toda a evolução da cultura gastronómica, etnográfica e civilizacional dos Açores ao longo dos séculos.

**Durante o encerramento devido à Covid-19 quantos trabalhadores estiveram em lay-off?**

Um dos funcionários esteve e está em lay-off.

**Aproveitaram esta época para fazer melhoramentos na Quinta?**

Sim. Para além de obras de manutenção e melhoramento, estamos a alterar a disposição e enquadramento de alguns espaços, nomeadamente do restaurante, recriando a organização interna de uma casa rural tradicional, sempre dentro de um conceito que recupera e valoriza a habitação tradicional açoriana, características que foram sempre apanágio desta unidade desde a sua fundação. A par disso, estamos a desenhar uma nova filosofia que passa por proporcionar aos clientes a possibilidade de usufruírem da refeição em espaços distintos na Quinta, obedecendo, tanto quanto possível a temáticas que esses espaços inspiram. Como sejam o alambique, a olaria, a tenda do ferreiro,



Gilberto Vieira preocupado porque há muitos contactos mas não se materializam em reservas

tanoeiro, carpinteiro, marceneiro, entre outras, aproveitando as construções do nosso espaço museológico de profissões tradicionais.

A par disso, estamos a fazer um minucioso levantamento fotográfico e videográfico de todos os espaços e envolvências da Quinta, destinado a fins promocionais e, bem assim, a exposições temáticas.

**Já reabriram?**

A componente de alojamento já está aberta. O restaurante e os espaços do novo conceito têm abertura marcada para breve, mas não posso precisar a data.

**Desde a retoma da actividade como está a nível de reservas?**

O número de cancelamentos é elevado desde Maio. As novas reservas são residuais.

**Das reservas que foram feitas, qual a sua origem?**

Os poucos clientes que têm feito reservas são, praticamente na totalidade, nacionais.

**Ao nível da campanha “Viver os Açores” como estão as reservas?**

Tivemos alguns contactos, mas não se traduziram em reservas.

**No seu entender este programa tem a abrangência para captar os turistas regionais?**

Entendo a filosofia que está por trás desta iniciativa do Governo Regional. Pode potenciar o turismo interno e o intercâmbio inter-ilhas, mas acho que há aspectos a melhorar, nomeadamente na obrigatoriedade de os beneficiários do apoio terem de utilizar todo o leque de



serviços constante. Numa leitura simples, diria que uma dessas imposições poderia ser retirada, conforme os casos. Por exemplo: alguém que tenha alojamento na ilha de destino, seja próprio ou em casa de familiares ou amigos, só teria de cumprir o regulamento no que respeita a utilização de restaurantes, rent-a-car e animação; se tiver uma viatura cedida por familiares ou amigos, então teria de usar alojamento, restaurantes e animação, e por aí adiante.

## “O turismo rural é essencial na retoma e deve ser apoiado convenientemente”, e isso não acontece, diz Gilberto Vieira



Vista aérea da Quinta do Martelo, na ilha Terceira

**“O número de cancelamentos é elevado desde Maio. As novas reservas são residuais. (...) Os poucos clientes que têm feito reservas são, praticamente na totalidade, nacionais.”**

**Que medidas novas ou ações, as entidades governamentais poderiam ou deveriam tomar?**

Para ser justo, não tenho qualquer problema em afirmar que, dadas as circunstâncias, o Governo dos Açores agiu rápida e cirurgicamente em muitas situações, nomeadamente no apoio às empresas, às famílias e ao emprego, enquanto travava, com o empenho dos profissionais de saúde e outros intervenientes, a batalha suprema, que era (e é) o combate à pandemia da Covid-19.

Agora, sem menosprezar o combate sanitário, há que encontrar novas formas e recursos para estabilizar a nossa vivência comum. Bem sei que não é tarefa fácil, mas há que ter a coragem de definir e executar prioridades. E neste capítulo, uma aposta forte na retoma, mesmo que controlada, da actividade turística é fundamental. A promoção reforçada é uma das peças cruciais. E o turismo rural volta a ser charneira nessa retoma, pelo que deve ser apoiado convenientemente. E não se pense que esse apoio é um “cheque em branco” – as unidades de turismo rural e de natureza têm de corresponder, garantindo os pa-



A mercearia típica que Gilberto Vieira preserva e é um regalo para os turistas

drões de qualidade e verdade que não deturpem as características que são promovidas.

**Enquanto Presidente da Associação Casas Açorianas, tem conhecimento de proprietários que tenham passado por dificuldades?**

É evidente que a pandemia atingiu quase todos por igual. Alguns, para quem esta actividade é secundária, terão sentido menos os efeitos da crise. Mas não tenhamos ilusões: embora sem ter agora números exactos disponíveis, a pandemia foi um rude golpe para muitos dos nossos associados.

**Existem casos de fecho de actividade?**

Que me tenham sido comunicados, até agora, não.

**Quais são as principais queixas que lhe chegam?**

A falta de reservas, sobretudo porque começa a ficar tarde para aproveitarmos a época alta.

**Perante o cenário que se coloca hoje em dia e face ao que se perspectiva para os próximos tempos, que panorama prevê para este sector?**

Há muito tempo que eu constato uma realidade: o turismo é algo em permanente mutação e, muito mais, perante acontecimentos inesperados e de dimensão extraordinária, como foi agora o caso da pandemia da Covid-19. Agora há que “lamber as feridas”, arregaçar as mangas e partir para a conquista de mercados que prezam aquilo que temos para oferecer, nomeadamente a necessidade de reencontro com a natureza, tranquilidade, segurança e ambientes saudáveis. Esses mercados estão latentes e ansiosos de experiências como as que temos para proporcionar. Assim sabemos chegar a eles com os nossos argumentos, numa altura em que todos os destinos à escala global estão na luta por cada fatia de mercado.

**Luís Lobão**

## Carta a uma filha de quatro anos



Por: Fernando Marta  
Professor  
ferdomarta@gmail.com

Está calor e já é julho. E lembrei-me de te escrever estas linhas, que podes ler daqui a uns anos, enquanto dava uma corrida de final de dia, quase sempre à vez com a mãe. Desta vez coube-lhe a ela ficar contigo em casa. E enquanto corro, vêm-me à memória as circunstâncias que vivemos – que compreenderás melhor quando tiveres a clarividência de perceber estas linhas – e que tão cedo não nos deixarão. E apesar da clarividência para leres estas linhas ainda te faltar, já entendes bem o contexto que um vírus nos trouxe. Quando vais às compras, de máscara na cara, apesar de a tua idade a isso não obrigar. Na escola, onde retiras os sapatos e calças umas crocs que lá ficam, ensacadas, para o dia posterior. No gel-álcool que a mãe, consecutivamente, te põe nas mãos. Nos tempos da escola na televisão, que ainda não sabemos se voltarão.

«O coronavírus», como tão bem te ensinaram na escola ainda em março, «é mau e safado» e veio para ficar. Mas não é só este vírus mau que encontrarás quando fores maior. Encontrarás um país com muitos problemas e iguais dificuldades. Com pessoas, como os teus primos licenciados, que emigraram porque acharam que estava na altura de conhecer o mundo e encontrarem novas oportunidades fora de Portugal, que não lhes deu a oportunidade de ajudarem a construí-lo, agora que lhes possibilitou uma formação superior. E pessoas, como os avós maternos que fizeram o mesmo, com enorme custo, já em idade na qual deveriam estar a pensar na reforma à distância de pouco mais de uma década de anos. E ainda outras pessoas, como os avós paternos, que reformados se entretêm nas couves, batatas e feijões que a terra que é deles dá. Uns e outros, estudaram até quando puderam, num tempo em que a escola era coisa de elites e o labor começava com pouco mais do que a idade que tens agora.

Por isso estuda, estuda muito e bem. Viaja para todos os países que puderes, esperando o pai que a lista já seja maior do que agora. Faz o melhor que puderes em cada coisa que tenhas pela frente. Esforça-te e aprende a confiar nas pessoas. Nas que conheces há anos e naquelas que acabaste de conhecer. Vais aprender que as pessoas boas e más aparecem em todo o lado, em todas as organizações e sustentam todas as entidades. Vais ter dificuldade em entender as ideias de Mêncio, quando nos ensinou que todos nascemos bons, quando estudares muito e aprenderes que tantas atrocidades, terror, crueldades e barbaridades indescritíveis, de que poderás até nem querer saber mais para evitares um maior desgosto, foram cometidas só e apenas por seres humanos, como tu e o pai, e que com eles e ao seu lado muitos outros seguiram confiantes. Aprenderás que «a banalidade do mal» de que Arendt nos fala só o foi e só o é porque a moral, a ética e a virtude devem andar sempre de mão dada com as decisões que tomamos.

Deixa-me lembrar-te, uma última vez, para estudares. Sai da tua zona de conforto, concorre para longe, para as instituições de ensino que mais te digam, que te façam ir para lá, que te assegurem um espaço de convívio, de amizades, de novas experiências e te obriguem a encontrar formas de seres desafiada. As coisas difíceis de ultrapassar são as que mais fazem de nós aquilo que queremos ser. Mais conhecedores, mais solidários, mais experientes, mais resilientes, mais abertos à diferença e aos outros que são diferentes de nós, mas tantas vezes complementares e mais decisivos. Lembra-te como é bom ter animais e respeitá-los, pois eles só dependem de ti.

Ajuda os outros sempre que puderes, pois no dia a seguir podes ser tu a precisar e pedir ajuda. Lembra-te dos mais fracos e ajuda-os a serem mais fortes. E lembra-te, acima de tudo, que o mundo é redondo e as coisas voltam sempre ao ponto de partida. Não tarda nada serás tu, a escrever uma carta a alguém que depende de ti. E ainda que seja o pai a escrever-te esta, a realidade é que sou eu que dependo de ti. Até logo. Apanha-te ao fim da tarde na escola. Se te tiveres portado bem, ainda passamos pelo parque.